MOVIMENTAÇÃO
Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Grande Dourados
ISSN Eletrônico: 2358-9205

A AGROECOLOGIA KAIOWÁ: TECNOLOGIA ESPIRITUAL E BEM VIVER, UMA CONTRIBUIÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS PARA A EDUCAÇÃO[1]

Anastácio Peralta[2]

RESUMO: Começamos um projeto de agroecologia no tekoha Xiru Karaí, na aldeia Panambizinho em Dourados/MS, em 2010, ao qual desenvolvi como tema de pesquisa na graduação em Ciências Sociais da Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, da FAIND-UFGD. O projeto trata da pedagogia da natureza, ou seja, uma área da educação intercultural indígena que faz referência ao modo de vida do povo Kaiowá Guarani, como forma de contribuição no campo da sustentabilidade e novas propostas de educação para a educação escolar indígena. Gostaríamos que a Tecnologia Espiritual e a Filosofia do Bem-Viver, Kaiowá Guarani, fosse considerado na formulação do pensamento sobre educação para as escolas indígenas e universidades no Brasil.

Palavras-chave: Agroecologia. Tecnologia Espiritual. Bem viver. Educação.

NHE'E BYKY: ko tembiapo hae projeto agroecologia, onhepyru 2010. Mbaegui Ava oikoteve cesta basica? Ha ymaguare? Mbaechapa ojehu akue? Oñotỹ hikuái heta yva ra'ỹi, momgaru tavayguakuéra

Ayvu nhe'e: agroecología. anga tembiapo. Teko porã. onhangareko haguã yvy. Etnoagronomia Guarani Kaiowá.

ABSTRACT: We started an agroecology project in the Tekoha Xiru Karaí, in the Panambizinho village in Dourados/MS, in 2010, which was developed as a research topic of the Social Sciences Course of the Intercultural Indigenous Teko Arandu, of the Indigenous Intercultural Faculty (FAIND-UFGD). The project deals with the pedagogy of nature, which

[1] Estre trabalho contou com a parceria de José Maurício de Souza que foi responsável pela transcrição das ideias do professor Anastácio Peralta, assim como, contou também com a revisão e edição de Fabiane Medina da Cruz que fez contribuições importantes para o formato final do artigo.

[2] Indígena da etnia Kaiowá, formado pelo Teko Arandu, na FAIND/UFGD. Endereço eletrônico: xirukarai@gmail.com

is an area of indigenous intercultural education that refers to the way of life of the Kaiowá Guarani people, as a form of contribution to the field of sustainability and new proposals for indigenous school education. We would like the Spiritual Technology and the Philosophy of Good Living, Kaiowá Guarani, to be considered in the formulation of education thinking for indigenous schools and universities in Brazil.

Keywords: Agroecology. Spiritual Technology. Good living. Education.

RESUMEN: Comenzamos un proyecto de agroecología en el tekoha Xiru Karaí, en la aldea Panambizinho en Dourados/MS, en 2010, el cual fue desarrollado como tema de investigación del Curso en Ciencias Sociales de la Licenciatura Intercultural Indígena Teko Arandu, de la Facultad Intercultural Indígena (FAIND-UFGD). El proyecto trata de la pedagogía de la naturaleza, o sea, un área de la educación intercultural indígena que hace referencia al modo de vida del pueblo Kaiowá Guarani, como forma de contribución al campo de la sustentabilidad y de nuevas propuestas para la educación escolar indígena. Nos gustaría que la Tecnología Espiritual y la Filosofía del Buen Vivir, Kaiowá Guarani, sea considerada en la formulación del pensamiento sobre educación para las escuelas indígenas e universidades del Brasil.

Palavras Clave: Agroecología. Tecnología Espiritual. Buen vivir. Educación.

1. *Tekoha Xiru Karai*: Agroecologia e Bem-viver

O projeto agroecológico que eu desenvolvo no *tekoha* onde eu habito, foi criado em 2010, e iniciado em 2012. É uma experiência valiosa que eu desenvolvo no quintal da minha casa, na aldeia Panambizinho, no município de Dourados-MS. Neste projeto é possível associar o manejo de várias plantas, sem a necessidade de reduzir a plantação a uma única variedade, só milho ou só mandioca. Mas, de diversificar, mantendo junto várias espécies de cultivo. Eu mantenho esse cultivo, por meio da tecnologia espiritual.

O método é descomplicado. Quando se planta diversos tipos diferente de plantas uma vai produzindo na frente da outra, por exemplo, planta a abóbora, você colhe os frutos e em seguida vem a colheita do milho. Termina o milho, em seguida colhe a mandioca. E pode deixar que logo virá a banana também, pois, você vai controlando a produção, associando o plantio e a colheita. Este tipo de manejo é um modelo de como evitar as pragas, que, sucessivamente, forma uma rede de controle biológico dos predadores. Fazendo com que evite o uso de veneno e consequentemente aumente a qualidade da produção. A tecnologia aplicada a este caso é importante por que controla as pragas sem prejudicar a produção, e ainda gera um sentimento de pertença da sua etnicidade que é um orgulho para todo bom *Ava*[3].

[3] A pessoa guarani.

Na sabedoria indígena, os mais velhos, a exemplo do já falecido ancião da Aldeia Panambizinho, Paulito, falava que você é o que você come. Então se você comer a mandioca bem plantada, bem benzida, ela também vai dar saúde para você, assim como se você comer um milho bem produzido, ele da saúde e também da alegria. Porque na verdade para nós indígenas tudo é vida, é diferente do branco.

A produção também vem de gente, de humano, então a **produção é humana**, milho é humano, mandioca é humano, porque ela produziu de gente, então elas também se conversam, se falam e também se alegram.

Eu vejo assim que o enfraquecimento da terra é mesma coisa que acontece com o corpo humano, se você não investir no seu corpo, em boa qualidade de alimentação, é claro que vai você ficar doente. A terra é assim também, quanto mais forte, mais vitamina ela tem e mais força ela dá para a produção de alimentos. E consequentemente, uma boa qualidade de alimentos. Com a consciência que a comida, sendo sadia, você também vai ser sadio. Gerando um ciclo importante para a valorização desta forma de produção de alimento. Essa sabedoria está baseada na tecnologia espiritual Kaiowá e Guarani.

O *tekoha do Xiru Karai* é uma aldeia escola experimental. O projeto que foi formulado em 2010, a partir de uma discussão com professores da Universidade Católica Dom Bosco UCDB e a rede indigenista missionária CIMI, sob o tema, “Demarcação e produção”. Em 2012 eu senti o interesse em aprimorar a pesquisa no trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura Intercultural Teko Arandu, na FAIND-UFGD. A indagação que me gerou esse problema de pesquisa foi a questão atual de que os indígenas são equivocadamente colocados na política pública enquanto dependentes de cestas básicas para alimentação. Sendo que, nós guaranis e kaiowás, somos agricultores.

O projeto hoje conta com pouco incentivo da educação escolar indígena, entretanto, é projeto muito enriquecedor para a pedagogia Kaiowá Guarani e quando for incorporado no currículo escolar das escolas nas aldeias, tenho certeza que será um movimento importante contribuição do povo kaiowá e guarani para a comunidade educativa.

Diante desta colocação, a primeira pergunta que suscitou o andamento deste projeto, foi: E no passado? Como nos organizávamos no passado? E apesar de lamentar a inserção do cidadão indígena na política nacional, enquanto clientela de cestas básicas e bolsa família, quero sustentar neste estudo, que tudo que os europeus conhecem hoje como alimentos comestíveis e produtos medicinais, advindos das Américas, fora abstraído da produção e a domesticação de alimentos do saber milenar dos povos indígenas.

2. Nhande Reko: o nosso modo de ser, viver e ensinar

Para nós os Guarani e Kaiowá, principalmente os mais velhos, entendemos a **roça não como um sofrimento, mas como lazer.** É lá onde nasceu comida. É onde podemos ensinar os filhos o nosso modo de ser. Então, a roça é para nós um lazer e não um trabalho (no sentido de castigo que trabalho no conceito do ocidente tem). O que nos diferencia deste conceito do branco é que a roça, para nós é lazer, é felicidade.

No meu tempo quando era guri, meus pais me levavam na roça para brincar, para divertir, comer milho assado, mandioca, subir em árvore, então isso era o lazer. Mas aprendia também a trabalhar, a limpar a roça, carpir, aprendia brincando. A roça não é um lugar de sofrimento, é um lugar de lazer, é o caminho de Deus, onde Deus fez seu caminho de produção de alimento, isso é muito importante para a gente, poder pensar como se consegue o alimento que nos mantém vivos e sadios.

Essa produção está associada a um outro conceito importante da cosmologia Guarani e Kaiowá, que o *Teko Porã, Teko Joja, Teko Johaihu, Teko Ivyha*[4], que traduzindo vem da igualdade, da felicidade, do amor. As coisas também nascem por amor, quando reza você está dividindo seus anseios com outros seres da natureza. Está pedindo colaboração para poder produzir. Essa comunicação é um agradecimento que você faz para os deuses da natureza, por dar tantas possibilidades para nossa sobrevivência.

Eu sei assim, que a roça é um lazer, lugar de alegria, de festa. No ritual do *Jerosy Puku*, nos agradecemos a colheita, celebramos os *Jara* em ritmo de festa, com muita alegria, porque compartilharam com a gente a abundância.

Um fato interessante da política internacional dos povos Guarani, é que quando os europeus chegaram às terras indígenas, foram recebidos com diplomacia. Que envolvia eventos, cortejos, alimentação em abundância, boa qualidade e variedade de alimentos. Alimentos esses que, posteriormente se tornaram a base da alimentação da humanidade, como por exemplo, batata, mandioca, milho, peixe, além de diversos tipos de caça para consumo, e o mel – o melhor alimento medicinal natural conhecido no mundo. Sem falar na erva-mate, que foi inserida nos hábitos alimentares e cultural do ocidente, se configurando na base da sociabilidade no Sul e Cento Oeste do Brasil, através do chimarrão e tereré.

Uma história marcante contada entre nós, do povo guarani, é de que o frango à passarinho é um legado da recepção indígena, aos forasteiros. Pois se refere à oferta desta

[4] Se refere ao modo ser Guarani e Kaiowá. Seu modo de vida.

iguaria, na ocasião da recepção destinada a receber os visitantes, nas aldeias, no momento em que chegavam ao ambiente nativo.

Não só a oferta de alimentos fazia parte da recepção dos estrangeiros, como também uma lição de espiritualidade (*Jerovy'a*) envolvia a cerimônia de acolhimento. As rezas que eram feitas para recebê-los e também os remédios da medicina tradicional, tudo foi colocado em função das trocas que os viajantes propuseram, a partir do contato intercultural com o Guarani. Hoje assistimos muitos dos conhecimentos indígenas que preparavam os remédios usados para curar a humanidade, sendo objeto de uma ciência que ignora nossa importância nesse processo de sistematização dos saberes. O mais absurdo de tudo isso é ver que fomos expropriados do nosso saber em função de uma dominação desumana que foi-nos infligido uma série de restrições às condições de vida do indígena, a partir deste contato que foi pra nós, desigual e abusivo.

Um dos pontos deste artigo quer tocar especialmente neste tema, do modo de produção natural de alimentos, ou 'orgânico', como agora vem sendo conhecido nos meios acadêmicos. Mas, que trata de uma técnica milenar das economias naturais indígenas. E que hoje, curiosamente, tentam-nos ensinar como maneira de 'sobrevivência na terra'.

3. Ava-Guarani: "As Flores da terra"

Antes de tudo isso, eu fui muito tempo trabalhador do campo, peão de fazenda. Este tempo eu era identificado de uma forma generalizada, como paraguaio, principalmente pela fala do idioma guarani. Assim, eu trabalhei muito tempo como peão de boiadeiro, em que cozinhava em comitivas de gado, nos trechos entre os deslocamentos que são típicos desta profissão.

Vale ressaltar que a identificação como paraguaio me foi dada devido à situação, que inclusive foi apontada por alguns estudiosos em estudos atuais, de que os indígenas eram obrigados a se identificar como paraguaios, para poder conseguir emprego nas fazendas da região. Por que desta forma teriam maior aceitação. Uma vez que a condição indígena nunca foi aceita no Brasil, nem como uma categoria social, nem racial. As coisas que o Brasil 'assimilou' da sua ascendência indígena, tratou de ressignificar como manifestação cultural de base cognitiva para o folclore nacional, o que deu nome de 'costumes'. Isto é, signos culturais e artísticos de natureza estigmatizada, que coloca o 'índio' numa condição idílica, romantizada, destituído de racionalidade e os quais estão fadados ao desaparecimento, descontinuidade. Como se nós indígenas fossemos uma 'fase inocente' da modernidade.

Então, mesmo não dotando a identidade paraguaia de um dispositivo de 'prestígio', frente ao 'trabalhador nacional' – este sim, aquele que lograva da 'cidadania brasileira'. Os índios que se identificavam como paraguaios tinham alguma oportunidade de emprego. É certo que esses empregos estavam circunscritos aos setores braçais dos serviços, tais como, peonato e atualmente os bóias frias. Ocupações, que enquanto 'índio', esse tipo de trabalho nem era permitido.

Vieira (2005, p. 18) ponderou essas limitações à identificação indígena:

> Para determinadas finalidades e em determinadas situações, parecem preferir a identidade de paraguaio a de índio, bugre. Ao assumir uma identidade paraguaia, o indivíduo pode, também, obter algum sucesso em seu empreendimento.

Outros fatores também influenciaram esta identificação visto que desde a concessão das terras da região para a companhia Mate Laranjeira, como forma de ocupação e colonização desta parte do país, há um processo de expropriação dos indígenas de seus territórios tradicionais e, consequentemente, de invisibilização dos indígenas, como apontava a historiadora Neli Maciel (2012, p. 45):

> Acredita-se que a quase ausência de referências consistentes sobre a participação indígena como mão-de-obra durante esse período da história da região, talvez possa ser explicada pelo seu provável ocultamento no meio dos paraguaios, falando a mesma língua e com costumes aparentemente próximos. Talvez a própria Companhia Mate Larangeira tenha tido interesse nesse ocultamento, para assim considerar a região como desocupada e, portanto, possível de ser arrendada.

Portanto, numa compreensão de tudo isso que eu comecei a questionar a minha 'condição indígena'. Foi um período bastante tenso da minha vida, em que eu comecei a sentir de maneira forte e contundente, a necessidade de conviver com o meu povo.

Mais precisamente, a decisão de abandonar o peonato e me juntar com meu povo, se materializou por meio de um sonho, onde recebi um chamado que era a hora de me juntar com meu povo, os guarani. É muito forte essa determinação cosmológica de receber mensagens por meio dos sonhos. Este fato faz parte de uma das maiores mistificações do povo guarani. O dom de se comunicar com o futuro ou o passado, ou de se comunicar com um ente da natureza (*jaras*), por meio dos sonhos.

Foi então que minha aproximação com o meu povo se deu. Dentro do processo político das retomadas. Na época que eu cheguei a configuração política era de tal forma repressiva contra a cultura e a espiritualidade indígena, que na Aldeia Panambizinho onde fui morar em 1994 já não se conheciam mais os rezadores, essa figura política e espiritual muito

importante ao sistema social guarani e kaiowá. Então iniciamos uma associação para revitalizar e valorizar a espiritualidade Kaiowá, como relatei em Vieira (2005, p. 92):

> Como eu falo a língua, tinha aquele dom de trabalhar, fui fazendo levantamento, ia de bicicleta, onde tinha rezador ia marcando. Achei uns quatro grupos. Mas não rezavam por quê? Porque tinham medo. Essas coisas, assim "tua reza é feia". Falei: "vamos mexer". Montei uma organização chamada Teko Jojá (vida em igualdade). Com isso, começamos a discutir, chamava aquele grupo, fui chamando, fui chamando.

É importante pontuar que a nação Guarani, compreende que é composta por diferentes povos ou etnias, a saber: Nhandeva, Mbya e Kaiowá, aqui do lado do Brasil. Pois ainda tem povos guarani que habitam territórios que ficam na Argentina, Bolívia e Paraguai.

Portanto, aqui, quando eu falo a partir do meu lugar enquanto indígena, eu estou falando da etnia Kaiowá. É importante deixar claro, pois sempre tratam, nós indígenas como 'a mesma coisa', no entanto, somos diferentes, no sentido da diversidade cultural e social de cada grupo. Esta diferenciação étnica se faz necessário, como afirma Maciel (2012, p. 14) "cada um desses grupos étnicos de língua guarani possui uma etnicidade própria que os identifica de maneira particular".

Do ponto de vista interno, da nossa etnicidade, cabe apontar também, que o sujeito Guarani prefere ser chamado/identificado como *Avá*. O termo, na cultura guarani – e para além exclusivamente da língua/idioma, mas envolvendo um conjunto de significados éticos, filosóficos, subjetivos – significa ser humano, pessoa. Tem um significado totalmente diferentemente do termo utilizado pelo ocidente para designar estes sujeitos, visto que nos nomearam de 'índios'. Uma expressão racista, que deslegitima nossa identidade. Internamente, na socialização, este processo de pertencimento, vai formando o sujeito do grupo Guarani, e este sujeito é identificado, como *Avá*, a pessoa do universo guarani.

O *Avá*, que consagra o sujeito guarani, também é constitutivo do grupo Kaiowá, ou seja, nós compartilhamos, todos os grupos do universo guarani, desta identificação. E isso nos faz nos reconhecer como povos irmãos, da mesma categoria cosmológica.

Contam os antigos que, quando Deus fez a terra, o sol, a lua, não tinha quem se admirasse da beleza que Deus fez, então ele mandou os Kaiowá e Guarani para admirar a beleza, a obra que Deus fez. Por isso nos chamou de *Yvy Poty*, porque nós somos "Flores da Terra". Admiradores da beleza e da obra que Deus fez.

E nem tudo estava pronto, então veio a reza, foi através dela que veio as plantas. Contam os antigos, que na época tinha muita fome também, foi assim que os rezadores (*Nhanderus*) aparecerem. Rezavam dia e noite para encantar os *jaras*, até sair o alimento da

terra. Muitos falam que não tinham o que comer e Deus foi andando na frente e os *Nhanderu* rezando, assim ia nascendo pé de milho.

Retomando a minha trajetória a partir das Retomadas, eu destaco com muito entusiasmo a minha contribuição com o conselho *AtyGuasu* – a grande assembleia Guarani e Kaiowá. A esfera política a qual a gente tenta retomar o nosso modo de fazer política. O nosso espaço de interação intercultural. Pois é onde os conselheiros, que são agentes políticos e espirituais nas suas aldeias, se reúnem todos num ambiente em que serão discutidos dilemas, impasses, dificuldades e conclamadas decisões e feitas trocas de experiências que vão ser levadas para a comunidade.

De todo meu envolvimento desde o meu processo de reafirmação étnica, o conselho *AtyGuasu* é a experiência mais valiosa, pois foi onde eu elaborei todas essas reflexões que hoje eu estou nomeando de Tecnologia Espiritual. E como as etnias são irmãs, dentro do panteão cosmológico guarani, então essas reflexões pode representar igualmente, muitos elementos do modo de viver de grupos étnicos muito próximos, em especial, aos Guarani Nhandeva e até os Mbya, parentes mais distantes, mas que também fazem parte da nossa cosmologia.

4. A Tecnologia Espiritual: a Agroecologia Kaiowá

A Agroecologia, a sustentabilidade, e a Tecnologia Espiritual são, a meu ver, conceitos que se complementam. Para os termos científicos e ocidentais, a agroecologia pode ser compreendida, pelas definições de Sevilla Guzmán (2002, p. 18), que aponta para sua natureza pluri-epistemológica e que conta com uma metodologia substancial (ou perspectiva de investigação) dialética, de modo que:

> Pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos e tecnológicos – fundamentalmente durante a produção - e socioeconômicos e políticos - basicamente durante a circulação dos bens produzidos até que cheguem ao consumidor - que intervém no fato de uma semente se transformar em um bem de consumo.

Porém, o que acredito, é que a agroecologia tem a ver com a espiritualidade e a vida dos povos indígenas que, sempre habitaram harmonicamente preservando e usufruindo da natureza para sua sobrevivência. A exemplo, podemos citar o cultivo do milho, que há mais de dois mil anos os indígenas Guarani dominam. E o fazem por meio da sustentabilidade e espiritualidade, isto é, plantam e guardam as sementes, conservando um dado da ancestralidade, tanto quanto preservando a natureza, praticando uma forma de extrativismo que não destrói o meio ambiente, não utiliza melhoradores genéticos nas sementes (o que

causa danos ao equilíbrio do corpo humano). E ainda, dispensa a utilização de agrotóxicos, uma vez que a produção está voltada para uma cadeia de curto e médio prazo de consumo.

É por isso que estou em consonância com os autores acima, pois compreendo que a função prática e econômica do modo de produção de alimentos Guarani Kaiowá confirma a convergência conceitual entre agroecologia e a economia indígena.

Explorando melhor a interculturalidade dos conceitos, eu ainda acrescento uma categoria própria da minha investigação enquanto pesquisador da cultura Kaiowá, que trato aqui com uma conotação pragmática como sendo uma tecnologia. Já que tecnologia e ciência estão intrinsecamente imbricadas, no ocidente, então a minha associação lógica entre uma e outra coisa se dá no sentido de poder reivindicar o termo em função da cosmologia dos povos indígenas.

A Tecnologia Espiritual, ou, a técnica que eu nomeio, do povo Kaiowá, de guardar as suas sementes, pode ser considerado uma ciência, uma vez que, conforme o dicionário de significados entende-se por ciência, a "soma dos conhecimentos práticos que servem a determinado fim; conjunto de conhecimentos humanos considerados no seu todo, segundo sua natureza; sistema racional usado pelo ser humano para se relacionar com a natureza a fim de obter resultados favoráveis. [...][5]". E neste sentido, eu considero a técnica de plantio Kaiowá, uma ciência milenar.

Entretanto, para dar um significado específico e contextualizado para o tipo de ciência que desenvolve os povos indígenas, de maneira que fique demarcada a diferença em relação à ciência positivista ocidental e, especialmente para dar ênfase no significado que esta dá para a finalidade de suas descobertas, eu faço questão de descontruir o signo ciência acrescentando da epistemologia indígena, o conceito de espiritualidade.

Desse modo, quero imprimir um marco para os povos indígenas no campo do conhecimento e colocar um limite à colonização eurocêntrica dos saberes. E assim, iniciar um movimento de difusão e valorização do conhecimento indígena, pois ele traz um olhar especial e ainda não conhecido (ou ignorado) ao modo de produzir conhecimento. Quero com isso, demonstrar que nossos saberes tradicionais dá conta de trazer respostas às muitas das questões do que a sociedade contemporânea necessita, pois é importante entender que partilhamos desta sociedade, estamos todos na mesma estrada, ou seja, fazemos parte do mesmo universo e devemos nos preocupar com ele. Ainda assim, é cabível lembrar que a própria Ciência (europeia) se utilizou da ciência indígena como base de suas pesquisas,

[5] Consultado no Dicionário Michaelis, versão web.

entretanto, destituindo os saberes das questões que são inerentes à cultura e espiritualidade que nos é peculiar.

Retomando a Agroecologia ou sistema agroflorestal, é pertinente ainda pontuar, que este é um 'método' que já era realizado como um modelo indígena de plantio e produção pontencializada de alimentos diversos, uma vez que a combinação entre tipos diferentes de plantas colaboram para um sistema equilibrado de produção. Dos quais, os Kaiowá e Guarani, são originários, pois carregam em sua linhagem ancestral esse modo de lidar com a terra. O modo Espiritual de cuidar da natureza.

É importante compreender que para a cosmologia kaiowá, tudo é ESPIRITUAL, ou melhor, nossa concepção assume o ponto de partida que a terra tem alma. Assim como, a semente tem alma. Todas as criaturas do universo têm seu dono/protetor/criador. Nesse caso, a produção de alimentos é toda ela espiritual. Tudo o que você for plantar, ou seja, o que tiver de plantio, ela é uma produção espiritual, porque para o Kaiowá toda semente tem alma, tem vida.

Da mesma maneira, faz sentido o nosso ritual, como por exemplo, na época do plantio em que tem que se benzer a terra, preparar o solo, para fazer o plantio. Em especial o milho branco, que passa por uma espiritualidade mais apurada, no sentido de batizar o milho tanto no plantio, quanto na colheita. É isso tudo que eu chamo de TECNOLOGIA ESPIRITUAL porque faz parte de um sistema, articula um sistema que envolve calendário, com a data certa do plantio, que é medido em função da lua certa de plantio e mesmo assim, não deixa de ser um aspecto da cosmologia.

Por exemplo, entendo como tecnologia, por que é importante fazer um planejamento, que não deixa de ser técnico, e neste sentido, pontencializador da produção. Ao mesmo tempo em que é cosmológico, isto é, o plantio do milho é feito de acordo com as fases da lua, pois, sempre na sua fase minguante é tempo de plantio. Mas, por que é plantando nesta fase da lua? Porque vai demorar mais a carunchar, pois terá menos bicho. Então, eu vejo isso como uma ciência, uma sabedoria baseada em observação e experimentação que gera uma resposta. Uma das explicações lógicas para esse argumento é porque na lua minguante tem menos água, enquanto que na lua nova sempre tem mais água na temperatura, ou seja, humidade. Planta-se na lua minguante também porque é perto da lua nova e por isso já vai chover e vai brotar. Isto é uma probabilidade forte, ou seja, uma certeza, considerando o modo científico de pensar.

No modo de manejo Guarani Kaiowá o método sustentável de plantio conserva a ancestralidade deste povo, pois, a memória dos agricultores mais antigos nos informa a forma

de plantar, que obedece a um sistema em que cada pedaço de terra deve ser poupado do cultivo por dois ou três anos. Pois a terra depois desse período já enfraquecia e começava a dar muito trabalho. Então se mudava mais para frente, em busca de outro local favorável à agricultura, deixando aquela localidade descansando para recuperar seus nutrientes novamente. E assim você ia mudando o local da roça, por que estes espaços precisam de descanso pra se recuperar, e a natureza se recuperava por si próprio. Por isso nos deram o nome povo nômade. Entretanto, não acho esse termo correto com a nossa sociabilidade.

Assim sendo, podemos perceber toda uma rede de conhecimentos para o plantio, que envolve o ato de plantar, que envolve muitos elementos do pensamento, ou seja, abstração, sobre como e o quê se pensa e, o que pode ocorrer a partir da própria natureza, ou as probabilidades. Como se pode perceber, tem um sistema de avaliação sofisticado na ciência indígena.

Na Tecnologia Espiritual, portanto, estão incluídas as rezas, o batismo da terra, do plantio, das sementes. Onde se pede licença para os *Jara*, os donos da terra, que são os *Jakairá* (proterores/criadores das naturezas) para realizar o plantio. Por isso é feito um ritual, para nos comunicar com esse outro cosmos, o cosmos da natureza. Porque, o milho, também tem o seu *Jara,* seu dono/proteror/criador. Todos nós temos. O ritual é feito porque respeitamos que o outro tem vida, que **ele é uma alma**. Por isso que tem que rezar todo ano, pra que ele venha e volte.

Hoje em dia, muitos tradicionais (rezadores), falam que a alma do milho está se afastando de nós, e quando a alma do milho se afastar definitivamente teremos períodos de fome, pois ela não produzirá mais abundância, porque não respeitamos mais sua alma. Ofendemos a sua existência. Não soubemos utilizar sua aptidão de nos matar a fome. Isso ocorre quando nos comportamos como se fossemos os donos da natureza.

Eu entendo o quanto isso é diferente do sistema ocidental do não índio/branco, pois ele primeiro explora a terra, passa o trator, passa veneno na terra e para preservar passa veneno na planta, desta forma acaba colhendo veneno.

Enquanto que no conceito Guarani e Kaiowá são os rituais para cada etapa do processo de plantio, preservação e colheita dos alimentos, que conferem o sucesso da produção. No sistema que empregamos, há reza, técnica e ciência. Para guardar o milho, tem um jeito especial de guardar, que difere do modelo hegemônico. Pra gente, o milho pode ser guardado na fumaça, pois a fumaça atua como repelente, impedindo que os insetos e outros bichos ataquem o milho.

Há um cabedal de conhecimentos que faz com que seja preservada a semente e que muitas vezes passa despercebido pela sociedade, por acreditarem que apenas os conhecimentos eurocentrado são importantes, mas os indígenas, com seus conhecimentos seculares, demonstram como podem produzir alimentos de forma sustentável e valorizando a natureza e sua tecnologia. Eu sei o quanto isso causa estranhamento para um ocidental, mas a lógica de produção para vender nos supermercados, não faz nenhum sentido para nós indígenas.

5. Conclusões para uma proposta de trabalho educativa:

5.1 Sustentabilidade e espiritualidade

Em 2010 quando surgiu o tema do projeto, eu senti essa necessidade de procurar entender a questão paradoxal que tange os discursos da sobrevivência dos indígenas e a produção de alimentos nas aldeias. Senti que era a hora de investigar mais esse assunto e daí em diante eu me dediquei a pesquisar mais. E desse modo, de dar mais ênfase nos conhecimentos ancestrais do povo *Ava*. Entretanto, por outro lado, também achei interessante formular uma proposta que articulasse uma interlocução com embasamentos científicos para que a gente pudesse conhecer mais e aprofundar nosso repertório do conhecimento sobre a história dos nossos antepassados, num diálogo que também pudesse ser utilizado pela universidade, ou pela escola. Isto é, em lugares aonde a gente vai se reunir para pensar soluções e difundir o conhecimento. Assim como, fazer debates e dar orientações para os mais jovens, já que agora o contato entre os grupos geracionais estão cada vez mais desarticulados e a escola tomou a centralidade da comunicação, inclusive nas aldeias.

Foi então que, a partir da chave do entendimento de uma *interculturalidade*, eu pensei que esses recintos têm uma potencialidade de proporcionar linguagens inteligíveis entre trocas e transformações dos saberes dentre as sociedades, ocidental e indígena, por exemplo. Mas numa forma diferente daquele contato que extraiu de nós todo o benefício da nossa sabedoria, e nos devolveu em fome, miséria, peste e sofrimento. Que foi o contato do ponto de vista da epistemologia da colonização e destruição dos territórios indígenas, para ser transformado no continente das Américas.

Veja, eu acho isso demasiado importante, promover uma leitura própria de nós indígenas, deste processo, porque eu vejo que o branco/ não indígena, ele não tem muito interesse no que a gente pensa sobre a colonização. E também não tem consciência de que os indígenas Kaiowá, da Nação Guarani, dominam a técnica de produzir alimento orgânico, de

boa qualidade. Alimentos que têm o objetivo de alimentar não só o corpo, mas acima de tudo, a alma. Não entende o quanto isso é crucial para propiciar que o povo indígena possa viver em boa venturança, em equilíbrio com o meio ambiente, e de maneira sustentável.

É por isso que eu acho que o conceito *sustentável* tem tudo a ver com a agricultura do povo guarani. E é por isso que eu junto neste trabalho, a Agroecologia, um conceito ocidental que traduz um modo de produzir alimento sem veneno e com consciência da alimentação saudável, com a técnica de produção de alimentos do povo guarani. Porque eu vejo uma possibilidade intercultural de diálogo dos saberes, acadêmicos e ocidental, e um saber milenar indígena. Eu acho interessante, porque, é como se a gente pegasse os conceitos, que parecem isolados, e trouxesse para uma esfera de troca entre os povos, tipo assim como acontece numa mostra cultural, onde a gente tenta promover o intercambio entre o ocidente e os outros modos de vida. Eu acho que isso é muito positivo, e dá pra fazer, a partir da *interculturalidade*.

Foi neste sentido, que agroecologia surgiu na minha vida, e eu demonstrei com a minha trajetória, para que todos pudessem entender a força da cosmologia kaiowá e guarani. Eu me deparei com a agroecologia e o projeto que eu desenvolvo hoje na aldeia, tem a ver com minha busca espiritual. Pois, depois de sentir essa necessidade de me perceber no meio desta sociedade de não índios, que tratam os índios como pessoas de terceira categoria, como semi-humanos ou não dignos de respeito, que acendeu em mim a busca da minha reafirmação étnica, pois eu não sou essa coisa que sempre me atribuíram (sujo, burro, bêbado, inútil), mas eu sou uma pessoa digna, pois como pertencente à grande nação Guarani, eu sou um *Ava*. Isto é, uma pessoa importante no cosmos da espiritualidade indígena. Eu tenho vida, eu tenho sabedoria, eu tenho força para trabalhar.

Por tudo isso, eu penso que a sustentabilidade também é uma espiritualidade. Se as plantas que nos dão alimento têm alma, tem também uma espiritualidade. Na sustentabilidade entram vários temas. Pois, o que é sustentável? O significado do que é sustentável vem da tua alma, tua alimentação, tua religião e do que está à sua volta. Do modo que você se alimenta. De corpo e de alma. Nesse caso, a pessoa pode ser sustentável espiritualmente. Isso é muito importante. O sagrado da alimentação, também tem um aspecto espiritual indispensável. Quando se é o produtor da sua alegria, sabedoria e do seu alimento, logo, se é sustentável. Eu entendo isso por sustentabilidade. Que é você ter força, ser feliz, ter sustentabilidade alimentar.

Pois, para preservar esta sustentabilidade de produção de alimento, com um tipo de alimentação orgânica, você terá que pensar, de imediato, em preparar a terra, fortalecê-la, adubar, e não passar veneno e/ou lesionar a terra, como é feito no sistema de monocultura e larga produção.

O método é revolucionário no modo de se relacionar com o ambiente, pois, tal como consideram os estudiosos da agroecologia (SEVILHA GUSMÁN, 2002, p. 18), esse método de pensamento,

> se propõe não só a modificar a parcelização disciplinar, senão também a epistemologia da ciência, ao trabalhar mediante a orquestração de distintas disciplinas e "formas de conhecimento" que compõem seu pluralismo dual: metodológico e epistemológico.

5.2 Interculturalidade e Bem-viver: pesquisa e ação

Devido ao processo de confinamento a que foi submetido o povo Guarani e Kaiowá nesta região do Mato Grosso do Sul, assim como apontado por Brand (1997), fomos obrigados a aprender viver com a pouca terra, isto é, adaptar nossa forma de viver em função do cerceamento do território que o Estado brasileiro impingiu como política de desenvolvimento nacional. Esta política significou em genocídio dos povos indígenas.

A partir desta reconfiguração do nosso espaço, se tornou importante falar em educação. Mas uma educação da interculturalidade. Eu insisto que esta interculturalidade difere daquele conceito usado popularmente na educação, pois a interculturalidade deve ser conceitualizada também pelo outro lado da relação entre duas ou mais culturas. Todavia, o sentido que a gente tem, pelo que eu vejo, é o sentido que só o conhecimento hegemônico confere.

Pois, assim como na terra, você não pode fazer meio termo. A terra não aceita isso, não tem como fazer uma depuração sustentável do manejo se eu cuido da terra ao mesmo tempo em que passo veneno. Ou se estou cuidando da terra e estou rezando para ela, mas planto transgênico, então não funciona. Tem que ser uma coisa mais inerente, mais original.

A interculturalidade também se mostra pelo uso de técnicas como a da folhagem, que os brancos usam, mas a gente já usava no passado. Por exemplo, você pode plantar o feijão de porco, pode plantar banana, quando ela der frutos, você pode cortar ela ali mesmo, ela vira adubo, então é coisa que você vai trabalhar com a natureza. Eu chamo isso de PEDAGOGIA DA NATUREZA, onde você aprende com ela. E como você pode aprender com a natureza? A partir da observação. Você observa a natureza, olhando e questionando, por exemplo, por

que uma banana está mais bonita e a outra está mais feia, então você tem que estudar, pesquisar.

Eu sempre falo que não é feio você trabalhar na roça, mas tem que buscar estudar mais ela, a pedagogia, a terra, a planta, porque para o branco se a banana está amarelando a folha ele manda arrancar e por fogo porque deu broca e o indígena ele apenas muda de espaço. É mesma coisa você ter uma frieira no pé e eu te matar para acabar com ela, como se você não servisse mais para nada por conta de um pequeno problema. A planta você cuida como você cuida do seu corpo, se o pé de banana tem uma folha ruim, você tem que retirar ela e cuidar do resto da planta, tem que operar toda ela, limpar, porque ela dá broca, mas a broca é porque a terra também está doente. Ai a broca você limpa, troca de lugar e aduba bem a terra com esterco de gado, folha, ai ela dá uma diferença. A broca vem para te avisar que a terra está fraca, é um sintoma, igual você estar com dor de cabeça, alguma coisa, pra avisar que você não está bem, o sintoma mostra para você que algo. Não é a causa em si, é só um sintoma, ela não é o problema e sim o apontamento de um problema.

A espiritualidade da planta mostra para a gente, não pode teimar com ela, tem que ser experto para perceber, tem que insistir e não precisa também exterminar, tem que olhar qual é o sintoma e o porquê está acontecendo isso. A espiritualidade mostra e você vai cuidando. Por que o *patrício*[6] planta a banana aqui em um ano e no outro ano ele planta em outro espaço, aquela que ficou vai acabar. Ai é falta um pouco desta ciência de cuidar a terra, por que muitas vezes nós ainda pensamos que a terra vai ser cuidada por natureza própria, mas hoje não tem mais espaço para que isso ocorra.

Eu vejo o que está acontecendo agora na educação intercultural, como uma meia educação, porque falam que só porque têm indígenas estudando como professores, então temos uma educação intercultural. Quando que, não se problematiza a ausência da epistemologia indígena no planejamento desta educação escolar que se desenvolve nas terras indígenas. Isto é, apesar de termos indígenas na aplicação prática da educação, não temos indígenas no pensamento e elaboração das metas da educação. E isso muda tudo. Já que, do modo como está acontecendo, o que nos é oferecido é a educação eurocentrada, branca e colonial. Aqui pode ser utilizado o exemplo também da mão única, pois só o indígena tem que se adequar a educação.

O BEM VIVER faz parte da produção de alimentos e tem a ver com o porquê que a gente veio para a terra. A gente veio para ser admirador da beleza do que Deus fez, então o

[6] Forma comum de se referir a outros indígenas.

Teko porã, Teko Jahaihu, Teko ivy'a também faz parte disso, o que é um *teko ivy'a*? É você ter uma vida alegre, feliz, é o bem viver. Mas o bem viver você não significa que você vive bem só por que tem dinheiro, tem um carro, você tem também que estar espiritualmente em paz e bem alimentado. Barriga cheia, cabeça boa, família boa, esse é o bem viver.

O bem viver é um conceito ancestral. Pois, quando que no passado só se trabalhava três horas por dia. Assim, de manha vai para a roça e quando dá umas oito horas vem embora. Às nove já se está em casa porque não precisava trabalhar muito. Então, o que se fazia? Esse tempo era aproveitado para ficar com a família. Este é o bem viver, cuidar da família, ser feliz com a família. À tarde o tempo é outro. É tempo de pescar, caçar, buscar fruta. Isso não é um trabalho de castigo, mas um trabalho de lazer, um prazer, esse é o nosso bem viver, pois nada pode ser forçado, quando se desenvolve uma atividade, faz-se porque gosta e a família toda ficava contente.

E quanto mais animado, mais alegre, é mais fácil você agregar mais gente, então para **ser um líder**, assim contam os mais velhos, é necessário ser essa pessoa alegre, para agregar gente. Para ser feliz e fazer o outro ser feliz. Esta seria uma liderança ideal, ou seja, as características esperadas em um líder.

Outra característica de liderança também, e bastante diferente da concepção atual era a de que a liderança deve comer pouco. Isto é, liderança mesmo só come quando sobra. Esse era um guardião do seu povo. Uma relação baseada na confiança e respeito mútuo entre o líder e seus confederados. Depois que todos comessem, se sobrasse, ele comia. Mas sempre sobrava, porque todo mundo levava um pouco do que tinha e tudo era distribuído entre as famílias próximas.

O bem viver é isso, é a partilha, é o modo de tratar as pessoas, porque os mais velhos sempre falavam, principalmente o Paulito, um dos nossos caciques mais sábios, há que se que aprender a fazer os outros felizes. Não é só querer que alguém faça você feliz, mas você tem que provocar felicidade também nas pessoas para ser bem lembrado. Uma boa liderança tem como pressuposto colaborar com as pessoas para que elas sejam felizes. Cacique Paulito sempre dizia que a gente não vem à toa para a terra. Não nasce à toa. Mas nasce para fazer alguma coisa boa. A gente é um passageiro, então tem que aplicar nosso tempo e conhecimento para coisas boas. O bem viver é mostrar esse caminho da felicidade, da vida, da alegria e da celebração.

Hoje eu noto que eu tenho feito de 2010 para cá me fez perceber que até agora a gente não conseguiu avançar nas questões mais primordiais. Eu acho que esse projeto do Bem viver

e da sustentabilidade são parceiros dentro de um cronograma filosófico e prático. Pra isso precisamos ainda, nós mesmos, aceitarmos. Nós indígenas temos a dificuldade de compreender esse projeto como uma proposta de futuro concreta por que não temos muito espaço para debatê-lo entre nós. Como tema importante de pesquisa nas universidades. E tema importante que está associado com a nossa ancestralidade. Esse projeto já vem sendo bastante conversado entre os movimentos sociais indígenas como Aty Guasu e com as retomas. Falta se universalizar e passar a ser tratado como tema central da educação intercultural indígena. Eu acredito nesta potencialidade.

No ano de 2017 conseguimos colocar em algumas escolas a horta e o modelo de sustentabilidade agroecológico, como projeto piloto, baseado nesta experiência que eu relatei. A escola Tengatui, na aldeia Bororó, no município de Dourados/MS abraçou a ideia, através do professor Cajetano e igualmente, por meio da Profa. Maristela e do prof. Elias está agora na escola Lacui Roque. E a gente tem uma parceria hoje com a UFGD através da profa. Sandra Procópio. Então eu acho que estamos finalmente caminhando. A gente precisa pensar como promover melhor este projeto, precisamos aprender a discutir com a produção científica, como este projeto é fundamental.

Hoje, além de agricultor e professor, eu também trabalho na área de pesquisa, eu recebo assim pesquisadores, indígenas e não indígenas. Junto com a professora Sandra Procópio estamos pesquisando sobre os peixes. Estamos abertos aos interessados neste tema de pesquisa e queremos receber principalmente indígenas para compor a nossa equipe. Pois acreditamos que a academia precisa se inteirar mais nisso. Eu vejo que a FAIND/UFGD é uma baita de uma parceira mais ainda está muito branca.

Os indígenas são preparados só para dar aula em sala de aula, você também tem que pensar na formação de pensadores e pesquisadores indígenas, intelectuais coletivos da comunidade. Pois, como é que eu posso pensar só em mim e não vou ter a clientela de alunos pesquisadores da comunidade para ajudar a pensar qual qualidade de alimentos que nós precisamos produzir? Isso tudo está imbrincado. A ciência não pode andar afastada da realidade prática da sua aplicação.

Como, afinal eu sou muito espiritual, e este trabalho trada disso. Acredito que tudo isso tem a ver com um fortalecimento religioso. Pois a tecnologia espiritual e o bem viver entramos no tema da nossa religião. A gente precisa fortalecer isso. E como fortalecer? São nas grandes reuniões, como nos é de costume realizar, como por exemplo, o período para o plantio. O que precisa é estabelecer o nosso calendário. Se o trabalho na roça começa em

agosto, então em julho vamos precisar realizar um grande encontro de rezadores que discuta somente a produção de alimentos e como buscar um pouco o passado e o que fazer no presente.

A gente discute muito política de terras, mas a produção, discute muito pouco. Tem movimento de mulheres, tem movimento de professores, tem movimento de todas as lideranças que é o Aty Guasu. Falta agora de sustentabilidade. Desde 2010 estou trabalhando na construção desta discussão. Em julho de 2017 realizei uma reunião com o conselho deste movimento em minha casa.

Este é um projeto que está caminhando nos acampamentos, as áreas de retomada dos territórios tradicionais. Podemos ver nos acampamentos uma maior presença de produção, o plantio. Muitas lideranças destes acampamentos estão aderindo a este projeto, por meio do curso que a gente organizou em julho. Esses acampamentos estão plantando. E eu estou investindo na escola, eu acabo fazendo de tudo um pouco, desde o planejamento até o plantio.

Eu creio que a educação precisa ser mais bem usada, por exemplo, tem o "Saberes Indígenas na Escola[7]" que a gente não sabe ainda se é índio ou se é branco. Então eu vejo assim que o branco quer ajudar muito e dá uma dose a mais do remédio e nos sufoca, não deixa a gente tomar parte da gestão do processo. O "Saberes Indígenas" deveria abraçar, de modo mais específico. De forma que a contribuição, ou seja, a produção de material didático deveria sair de uma grande reunião como essas que eu mencionei. Uma reunião que, levasse o pesquisador para um encontro de dois dias sobre produção de alimentos, onde quem vai ensinar são os mais velhos. Isso tem uma significação prática muito importante.

O que eu vejo é que temos que abandonar na universidade é a pesquisa individual, aquela arrogância de dizer: "eu pesquiso". Fazer um encontro como esses, à moda indígena, vai-se ter produção de conhecimentos, para dez anos. À moda indígena implica compreender outra logica de tempo e espaço. Pois não ter horário para finalizar, assim, aquele formato como ocorre na educação ocidental/branca. Porque os mais velhos e experientes vão falar muitas coisas interessantes e profundas, às vezes durante a noite, na madrugada. Mas os brancos querem fazer uma mesa, com toda aquela formalidade. Quando eu acho que tem que sentar, ficar a vontade. Se tiver reza, pode ir para a reza, procurar a inspiração. Não tem essa coisa de formalidade. Assim como já teve em minha casa uma etapa do "Saberes indígenas". Eu achei muita formalidade, quando dá cinco horas a turma vai para o hotel. Enfim, ainda precisamos conversar muito sobre tudo isso, essa forma de pensar e de fazer, mas eu acho que

[7] Programa de formação continuada de professores da educação escolar indígena.

estamos no caminho. Acredito que um **povo que tem sua alimentação é um povo liberto, um povo livre**!

A gente precisa começar a investir no bem viver. Nesse modelo que a gente planta, com meio hectare de terra você cuida de cinco pessoas e come bem e é feliz. Vai produzir comida boa. Enquanto que a monocultura e o agronegócio alimentam esta violência que está por ai. Tem uma frase muito conhecida por aqui, que "Um boi vale mais que uma criança indígena". Pois no Estado de MS e no Brasil não somos valorizados. O gado e a soja, monocultura predominantemente para exportação, são mais valorizados do que a vida de uma criança indígena que vive às margens das rodovias e/ou em barracos de lona.

Nesse sentido, é importante frisar que corremos o risco de passar fome dentro da aldeia/reserva, pois apesar de termos um pouco de terra, a soja tem entrando em nossas aldeias, até nas portas de nossas casas. Na minha aldeia atualmente está assim, só eu e mais umas duas pessoas que plantam mandioca, esta situação de arrendamento de nossas terras só tem feito aumentar a violência, a bebida alcoólica e outros problemas relacionados à escassez de alimentos e dos conflitos agrários que envolvem a questão.

6. Referências

MACIEL, N. A. História da Comunidade Kaiowá da Terra Indígena Panambizinho (1920-2005). Dourados : Ed. UFGD, 2012. 210p. ISBN: 978-85-61228-83-5.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematicação de sus méthodos et téchnicas. Agroecol. e Desenvolv. Rural Sustent, v. 3, p. 18-28, 2002.

VIEIRA, José Maria Trajano. Entre a Aldeia e a Cidade: o "trânsito" dos Guarani e Kaiowá no Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2005. Disponível em: http://acervodigital.ufpr.br.